



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

OS PARADOXOS DA LEITURA E DA ESCRITA NA INICIAÇÃO ACADÊMICA¹

Lisiane Sales Rodrigues², Mariel Da Silva Haubert³.

¹ Trabalho desenvolvido a partir das leituras realizadas nas disciplinas do primeiro semestre do mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

² Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, bolsista FAPERGS/CAPES

³ Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ

Leitura e escrita são irmãs gêmeas. Sim, univitelinas. Mas até gêmeos univitelinos apresentam subjetividades e grandes diferenças. Assim, acontece com o ato de ler e escrever, que em alguns momentos se apresentam tão parecidos e em outros simplesmente opostos. A escrita se oferece como ponte para leituras diversas desde as mais leves até as mais complexas e pesadas. Nas práticas acadêmicas, essa ponte tem se tornado urgente e necessariamente estimulada. Porque, para além do que produzimos para nossos alunos, como temos lido as nossas escritas? Ou ainda, o que e quanto temos lido para poder construir nossa prática de sala de aula? Nossa intenção é adentrar na conversa sobre os reflexos da leitura e da escrita para quem inicia as dores e alegrias da produção acadêmica. Esta pesquisa constitui-se em parte de leituras realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. O processo de escolha das leituras, para seleção e compilação, foi baseado nos dilemas de quem esta se aprofundando no mundo da pesquisa. Porque mesmo que tenhamos passado pelas experiências da graduação, cada uma em seu tempo e espaço, o contexto que ora se apresenta coloca-nos diante de um novo processo: o de nos sentir bombardeadas por autores e teorias que defendem diferentes vertentes do pensamento sobre educação e sociedade. Por isso, nosso recorte se situa na leitura e na escrita numa perspectiva de Mário Osório Marques. A escolha vem pela leveza com que o autor leva o leitor nesse ato de produzir significados através das letras. E a compilação teve como principal critério a fragilidade que os próprios professores que atuam na rede básica da educação têm para produzir pensamento escrito.

A leitura e a escrita são ferramentas importantes para o pensamento crítico. O ato de ler geralmente está associado com a escrita e o leitor visto como decodificador de letras. Porém, não basta decifrar palavras para que a leitura aconteça. É preciso atenção sobre o que está sendo decodificado para que haja compreensão e posterior interpretação. A leitura será adequada quando o leitor interpreta e estabelece relações do que leu com o mundo. O indivíduo que lê está contribuindo para o seu enriquecimento pessoal e para sua compreensão de mundo. A escrita é a compreensão do lido, o sujeito que consegue transformar o conhecimento da leitura em escrita, deixa arquivada suas ideias para posterior reflexão, além de atribuir significado ao conhecimento. Assim, marca a história da fala. O escrever possibilita a aprendizagem, é a organização do pensamento.

Mesmo conhecedores de que a leitura e a escrita são necessárias ao desenvolvimento do aluno, muitos professores não investem nesses recursos, como deveriam. A leitura e a escrita são ações



SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013
Ciência • Saúde • Esporte



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

que o corpo docente transfere ao aluno, sem um trabalho preparatório. Muitos apresentam tarefas que nem mesmo eles produzem. Nessa perspectiva, percebe-se a fragilidade da leitura e da escrita dos professores, principalmente de quem não trabalha na área da linguagem. Dominar a língua no que se refere à leitura e à escrita deveria ser um compromisso de todas as áreas.

Dessa forma, a produção e a organização do conhecimento se expressa pelas palavras. Nesse sentido, como nos lembra Marques (2001), precisamos tornar a escrita um ato inaugural, sair de um ritmo e ritual de escrita para pensar naqueles também que serão os possíveis leitores. Isso coloca o professor numa posição de auto-análise, pois é preciso sentir-se tocado tanto pelo que lê, quanto pelo que escreve.

Para Marques (2001), o processo de elaboração de um texto se inicia por um problema, o qual será necessário ir desvelando à medida que avança na escrita e na pesquisa. Podemos pensar esse processo em duas perspectivas. Uma do ponto de vista de quem está na escola básica e outra para quem está iniciando na produção acadêmica. Não que estamos dizendo que uma existe em separado da outra, mas são escritas diferentes, com leitores por vezes diferentes e com olhares que se abrem na medida em que se conhece mais sobre os estudos voltados à educação.

É importante destacar que vivemos o mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí desde o início deste ano. São três experiências, três olhares sobre uma mesma perspectiva: a educação. Desde o primeiro dia de aula pudemos ter em comum o descortinamento de um ambiente que respira e transpira o conhecimento. Um conhecimento que talvez possa ser traduzido pela escrita e pela leitura. A partir dessas leituras, para além do descortinamento, nos instrumentalizamos para pensar/refletir a nossa prática pedagógica. Com isso, nos remetemos à discussão inicial do compromisso de todas as áreas pensarem e utilizarem a leitura e a escrita como ferramenta diária em sala de aula.

Um instrumento que leva a refletir a própria prática, porque quando escrevemos tornamos concreto o conhecimento e reafirmamos tanto nossos dilemas quanto nossas alegrias. Mas, para isso precisamos buscar o que ler para saber o que escrever, como nos diria Marques (2001). Quando buscamos, problematizamos, delimitamos e transcrevemos para o papel, ou para tela do computador, fazemos esse exercício de refletir a nossa prática e contribuir para construção de raciocínios sobre o cotidiano da sala de aula ou da escola.

Na iniciação acadêmica, o primeiro aspecto que se coloca é a polissemia de teóricos e a diversidade de vertentes teóricas que orientar o pensamento educacional. Ao nos deparar com a riqueza de possibilidades temos a difícil tarefa de optar, recortar, escolher. O primeiro exercício é compreender e articular cada teórico nas suas respectivas vertentes. Confessamos que essa primeira etapa racha cabeças, aflora as angústias (que nunca cessam, mas se amenizam) e depois acalmam quando vamos vislumbrando as possibilidades.

Nessa multiplicidade de leituras, nossas ideologias construídas até então, são colocadas à prova, por vezes enriquecidas e fortalecidas, mas também postas ao chão, nos mostrando outras realidades e verdades, que resignificam nosso aprendizado. Como diz Marques (2001) ao ler estamos reescrevendo os textos propostos, e transformando nossa visão de educação, de mundo e de nós mesmas.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

E é nesse movimento de nos (re)conhecermos, que travamos o nosso embate pessoal com nossas práticas como docentes de ensino fundamental e médio, nas áreas da Linguagem e Ciências Humanas, apesar de compactuarmos da mesma consciência de que a leitura, a pesquisa são fatores importantíssimos em nossa ação docente. Nossas escritas, muitas vezes, são reduzidas em função de uma delimitação curricular dentro do sistema em que trabalhamos. Com frequência, seguir um programa específico, em um tempo determinado, nos leva a uma produção limitada de textos para nosso trabalho em sala de aula.

As Ciências Humanas são reconhecidas, pelos alunos, como as disciplinas da leitura somente pela necessidade de estudar o livro didático e não outro instrumento de aprendizagem. Não temos como culpá-los, a cultura escolar foi pautada nessa facilidade. A produção textual dentro desse cenário se dá, em sua maioria, pelas Linguagens, portanto encontramos uma grande resistência quando solicitamos uma produção de nossos alunos, e é nesse momento que vale muito o exemplo de um professor que lê, pesquisa e produz.

Como um viajante, metáfora utilizada por Marques (2001), partimos em busca de novas leituras, para o enriquecimento de nossos conhecimentos, para a produção de textos atraentes aos nossos leitores, para que possamos provocá-los enquanto leitores. E essa interlocução entre as três disciplinas que viemos tecendo desde o início de nosso mestrado colabora muito com esse processo, é uma troca constante em nossas idas e vindas. Esses diálogos, necessários e instigantes, também estão procurando tecer com outros interlocutores. Afinal, se estamos reconstruindo nossos olhares sobre a educação, por que não já começarmos fazendo essa mudança em nossa docência, compartilhando com nossos alunos a aventura que é escrever?

A escrita acontece como um reflexo das leituras e das opções do professorado. Portanto, propor o exercício da produção escrita aos alunos pressupõe um trabalho anterior de leitura que leve esses alunos a procurar além do que encontra nos livros didáticos. Nesse sentido, a leitura só tem significado quando toca o leitor e o faz pensar/relacionar com outros conhecimentos elaborados em outros momentos. A partir dessas relações, os alunos têm instrumentos para produzir/elaborar escritas e análises com suas opiniões. Assim, a nossa busca por uma escrita mais elaborada passa por esse processo de construção pessoal de concepções de mundo para compreender o sistema no qual a escola, como meio de educação na sociedade, faz parte.

Palavras-Chave: Leitura, Escrita, Pesquisa, Iniciação Acadêmica,

MARQUES, Mario Osório. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. 4.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001. Coleção Educação.